

# Crítica textual: para além da restituição do texto

*Textual Criticism: Beyond the Restoration of the Text*

STEPHANIE CHANTAL DUARTE SILVA

Mestranda em Estudos de Linguagens –  
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)  
E-mail: [stephaniechantaldu@gmail.com](mailto:stephaniechantaldu@gmail.com)

---

**Resumo:** Neste ensaio, analisou-se o percurso histórico da Crítica Textual para compreender como se dá o trabalho do crítico textual e do geneticista. Procurou-se exemplificar a maneira pela qual o texto se desenvolve no decorrer da sua história desde a Antiguidade até a Modernidade. No embasamento teórico, foram feitas referências aos textos de Cambraia (2005), Grésillon (1991; 1999), Hay (1999), Mendes e Ambrosoli (2015), que trazem um estudo sobre o percurso histórico da Crítica Textual, bem como das atividades realizadas pelos seus respectivos especialistas – crítico textual e geneticista.

**Palavras-chave:** Crítica Textual; Crítica Genética; Ecdótica; geneticista.

**Abstract:** This essay analyzes the historical trajectory of Textual Criticism to understand the work of the textual critic and the geneticist. The aim was to exemplify how a text develops throughout its history from Antiquity to Modernity. The theoretical foundation references works by Cambraia (2005), Grésillon (1991; 1999), Hay (1999), Mendes and Ambrosoli (2015), which provide a study on the historical development of Textual Criticism, as well as the activities carried out by their respective specialists—the textual critic and the geneticist.

**Keywords:** Textual Criticism; Genetic Criticism; Ecdotics; Geneticist.

---

## 1 INTRODUÇÃO

A Crítica Textual é o processo pelo qual o texto, em sua forma original, é restituído e são produzidas novas edições. Analisam-se, portanto, a trajetória do texto em consonância com a Filologia, Ecdótica e Crítica Genética e as atividades realizadas tanto pelo crítico textual quanto pelo geneticista. Neste contexto, as modificações ocorridas nessa trajetória do texto são evidenciadas e exemplificadas para melhor compreensão do processo. Além disso, a história da Crítica Textual também é apresentada, fazendo uma retomada desde a Antiguidade, com Aristarco, Marco Terêncio Varrão, Boccaccio e Poggio Bracciolini até à Modernidade, com Karl Lachmann, entre outros.

Para fins deste ensaio, a análise será realizada no âmbito da Crítica Textual. É possível estabelecer uma leitura da relação dos períodos selecionados a partir dos textos

de César Nardelli Cambraia (2005), Almuth Grésillon (1991; 1999), Louis Hay (1999), Marlene Gomes Mendes e Silvana dos Santos Ambrosoli (2015), com o objetivo de analisar o período histórico pelo qual a crítica textual surge e evolui, mas ainda como são realizadas as atividades do crítico textual e do geneticista.

## 1.2 A CRÍTICA TEXTUAL E A TRANSMISSÃO DO TEXTO

A compreensão sobre o que de fato é Crítica Textual parte do pressuposto de que o texto, ao longo do seu percurso de transmissão, é exposto a alterações, ocasionando mudanças. A partir disso, a Crítica Textual cumpre o papel fundamental de recuperar os textos em sua forma primitiva para além dessas modificações, visando à produção de novas edições de acordo com a autenticidade e a veracidade do texto. Essas mudanças atribuídas aos textos durante o percurso de transmissão podem ser classificadas em duas categorias: exógenas e endógenas. As modificações exógenas estão relacionadas à deterioração do material em que o texto é descrito: papel, tinta etc. Já as modificações endógenas estão ligadas ao processo de cópia dos textos originais, visando apresentar essa “criação” em um novo tipo de material. As endógenas se subdividem em duas categorias: autorais e não autorais.

As modificações autorais acontecem no processo de preparação da edição impressa: o autor receberá as provas tipográficas e revisará seus escritos; fará, se necessário, modificações (autorais). As modificações não autorais, como o próprio nome sugere, são realizadas por terceiros sem que o autor tenha autorizado. Estas se subdividem em voluntárias e involuntárias. As modificações voluntárias são efetivadas por terceiros devido à censura, por quem realmente faz a restituição do texto. Nas modificações involuntárias, ocorrem falhas por parte de quem faz a reprodução do texto, por exemplo, erro de cópia.

Esses processos pelos quais constituem a Crítica Textual fazem parte da sua história e do seu desenvolvimento, o que demonstra certa complexidade por se tratar da correlação entre Crítica Textual, Filologia e Ecdótica. Na Antiguidade, no século III a.C., cabia à Filologia a tarefa de restituição do texto, a qual era de responsabilidade dos filólogos. A Ecdótica também designava tarefas bem próximas da Filologia. Segundo Houaiss e Villar, a “Ciência que busca, por meio de minuciosas regras de **HERMENÊUTICA** e **EXEGESE**, restituir a forma mais próxima do que seria a redação inicial de um texto, a fim de que se estabeleça a sua edição definitiva; crítica textual.” (2001, p. 1095, *apud* Mendes; Ambrosoli, 2015, p. 26).

Esta complexidade na história da Crítica Textual foi descrita por Cesar Nardelli Cambraia em seu livro *Introdução à Crítica Textual* (2005):

A história da crítica textual é bastante complexa, e não apenas porque suas origens remontam para mais de dois mil anos atrás: seu progresso deu-se através de um conjunto de ações que ora a tangenciavam, ora a

abordavam diretamente, além de ter sido exercida historicamente sobre fontes de natureza distinta – primeiramente sobre textos pagão gregos e, em seguida, latinos; depois sobre textos religiosos (em especial, o *Novo Testamento*); e, por fim, textos em vernáculo (i. é, em língua não-clássicas). Foi, enfim, desse conjunto heterogêneo de atividades que se constituíram técnicas, se sedimentaram práticas, se consolidaram métodos e, inevitavelmente, se formaram polêmicas (Cabraia, 2005, p. 37).

Cabraia esclarece que a história da Crítica Textual surgiu na Antiguidade, perpassando até a Modernidade. Nos séculos III a I a.C., na Biblioteca de Alexandria, o rei do Egito Ptolomeu I (de 306 a 283 a.C.) deu início a essa história. A partir desse trecho, o autor discorre sobre vários alexandrinos responsáveis pela criação do sistema de sinais utilizados no texto: Zenódoto, Aristarco, Aristófanos e Aristônico. A participação desses alexandrinos foi extremamente significativa e influente nos textos gregos daquela época – os clássicos:

Convém lembrar ainda que o sistema alexandrino, baseado em sinais e em comentário, foi importante para assegurar a transmissão à posteridade do que existia (mesmo do que não fosse tido na época como genuíno), pois, em vez de suprimirem ou modificarem o que considerassem não-genuíno, apenas o assinalavam (Cabraia, 2005, p. 40).

Os alexandrinos fizeram parte do início da história da Crítica Textual, assim como Crates de Malos (c. 200-140 a.C.); Marco Terêncio Varrão (116-27 a.C.); M. Valério Probo (20-105 d.C.); L. Élio Estilão (séculos II e I a.C.); Orígenes (185-253 d.C.); São Jerônimo (c. 305-384 d.C.) e Demétrio Triclínio (1280-1340). No Renascimento, foram registradas cinco gerações responsáveis por essa parte histórica: Francesco Petrarca (1304-74) e Boccaccio (1313-75) – primeira geração; Coluccio Salutati (1331-1406) – segunda geração; Niccolò Niccoli (1363-1437) e Poggio Bracciolini (1380-1459) – terceira geração; Lorenzo Valla (1407-57) – quarta geração; Angelo Ambrosini (1454-94) – quinta geração. Na Modernidade, um dos principais nomes citados é Karl Lachmann (1793-1851), conhecido pelo método lachmanianno ou método de Lachmann, que dividia a Crítica Textual em recensão e emenda. Outros nomes também são citados por Cabraia no decorrer do percurso histórico ao qual caberia um estudo mais aprofundado.

A transmissão dos textos decorre da trajetória histórica da Crítica Textual. Nesse contexto, algumas designações devem ser exemplificadas: obra – é um produto criado pelo homem com o propósito pragmático ou artístico; texto – é uma obra em um contexto textual e verbal; testemunho – é um registro de cada texto escrito fixado pelo autor (autógrafo), por terceiros, com autorização do autor (idiógrafo) ou sem autorização

do autor (apógrafo); originais – são textos genuínos enviados pelo autor; cópia – é um registro fiel do texto sem autorização do autor. Os testemunhos são registrados como manuscritos e impressos. São divididos em duas categorias: datiloscritos (registrados por meios mecânicos) e digitoscritos (registrados por um computador). Com isso, a produção do livro manuscrito passa por algumas etapas. A primeira delas diz respeito aos materiais: matéria subjetiva (papiro, pergaminho, papel), matéria aparente (tinta), matéria instrumental (define qual o instrumento é utilizado para a escrita sobre o suporte). A segunda está ligada à tipologia do livro manuscrito: volume e códice. A terceira e última etapa refere-se aos procedimentos do ato da cópia: o copista realiza a tarefa, modelo, baseada em um testemunho.

Nessa conjuntura textual, outro relevante conceito que se destaca é a Crítica Genética, que evidencia a busca pelos textos (manuscritos) modernos como objeto de pesquisa e seus métodos de escritura. Contudo, não busca a maneira pela qual o escrito final é descrito, mas sim qual o percurso é feito até a finalização deste texto e como isso interfere e se concretiza nesse processo:

Não é o escrito final que está no centro de interesse, mas a escritura que se está fazendo, com suas infinitas dependências, com suas pertinências, bem como com suas impertinências. Não é a psicologia do autor nem a biografia da obra que importaria narrar, mas é um antetexto, com o conjunto das marcas conservadas, que se deve estabelecer. A partir de então, o geneticista, assumindo sua própria subjetividade (portanto sem procurar imitar a do escritor), construirá hipóteses sobre a trajetória escritural do processo em questão (Grésillon, 1991, p. 9-11).

Ou seja, essa trajetória que Almut Grésillon se refere está intimamente ligada ao percurso que é construído pelos textos. Em *A Montante da Escrita* (1999), Louis Hay fala sobre esse percurso: “[...] a crítica genética pode passar sobre o fio da pena, não sobre o vazio; para atingir um outro momento da escrita, é preciso que ela se apóie sobre outros objetos.” (HAY, 1999, p. 5). A autora exemplifica a trajetória que a Crítica Genética traça para se alcançar o que chamamos de “bom texto” no processo da escrita. Tem-se, então, uma estética da recepção no momento em que são definidos critérios de leitura em tal processo produtivo, gerando novas perspectivas sobre a literariedade de um texto. Fato é que a crítica genética, com suas particularidades, aborda textos literários em seus devidos percursos, visando investigá-los à medida que a construção ocorre e surgem hipóteses sobre o método de escrita.

Para além disso, a Crítica Genética correlaciona o processo de preparação dos textos e suas edições com o de publicação: o escrito, o texto, o produto, o impresso, a dinamicidade, o procedimento do “fazer”, etc. Nessa relação de correspondência, tem-se o objeto da crítica: “[...] que é feito de documentos escritos, geralmente manuscritos,

que, agrupados em conjuntos coerentes, formam a ‘pré-história’ de um texto e constituem o traço visível de um mecanismo criativo.” (Grésillon, 1999, p. 28). Grésillon destaca a relevância dessa preparação textual e da presença da Crítica Genética neste trabalho árduo, do geneticista, de restituição do texto; satisfatório para a busca do conhecimento.

Essa preparação textual volta-se para os tipos de edição e seus respectivos especialistas. A primeira categoria de edição está relacionada ao material que é utilizado, atribuindo outras subcategorias: dimensão do livro – edição de bolso; edição compacta; edição diamante; qualidade de suporte – popular e luxo; sistema de registro – impressa e digital; publicação – príncipe; limitada; extraordinária; comemorativa; permissão – autorizada e pirata; integralidade do texto – abreviada; expurgada; *ad usum delphini*; reelaboração do texto – atualizada; aumentada; modernizada; além dos tipos fundamentais de edição que estão inclusos na forma de estabelecimento do texto.

Diante disto, o trabalho do Crítico Textual fundamenta-se nas peculiaridades de cada texto e de cada tipo de edição que este exige, seja o público-alvo, seja a presença de edições. Logo, os tipos de edição são classificados em monotestemunhais e politestemunhais, cada qual com suas subcategorias. Nas monotestemunhais, tem-se: edição fac-similar (faz-se a reprodução, por meios mecânicos, de uma imagem de um testemunho); edição diplomática (faz-se a transcrição de todas as partes do texto: fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, coesão e coerência, etc.); edição paleográfica (fazem-se as alterações em consonância com a acessibilidade e compreensão do público); edição interpretativa (fazem-se modificações a fim de criar codificações, além uniformizar a parte gráfica para um melhor entendimento por parte do leitor).

Já nas politestemunhais tem-se: edição crítica e edição genética. A edição crítica tem o objetivo de reedificar a última versão feita pelo autor, confrontando mais de um testemunho (apógrafos) com o intuito de identificar elementos que não seriam verídicos. A edição genética tem o intuito de registrar possíveis diferenças entre redações preliminares de um texto, bem como pela versão final feita pelo autor, verificando testemunhos – originais (autógrafos e/ou idiógrafos). Percebe-se que o estabelecimento do texto crítico se dá a partir da recensão e da reconstituição. Na recensão, o propósito é estudar a história de um texto, por meio das suas fontes, para melhor compreendê-la, enquanto que na reconstituição é prescrever um texto mediante a análise da sua história feita por intermédio da reconstituição por testemunhos e da conjectura.

Após as etapas de preparação do texto crítico, chega-se à última etapa – apresentação do texto. Nesta, todo o material coletado nas etapas anteriores é reorganizado e apresentado em conformidade com o conjunto da obra na seguinte sequência:

- Sumário
- Apresentação
- I. Introdução
- I.1. Autor

- I.2. Obra
- I.3. Tradição da obra
  - I.3.1. Percurso histórico
  - I.3.2. Testemunhos
  - I.3.3. Estema
  - I.3.4. Fortuna editorial
- II. Texto
  - II.1. Sigla dos testemunhos
  - II.2. Normas de edição
  - II.3. Texto e aparato crítico
- III. Glossário
- IV. Referências bibliográficas (Cabraia, 2005, p. 162).

César Nardelli Cabraia define essas etapas da trajetória do texto no contexto das edições crítica e genética como espécie de um roteiro a ser seguido para realizar as atividades que são de responsabilidade do crítico textual e do geneticista. Por conseguinte, a tarefa do geneticista é disponibilizar documentos autógrafos que não estão disponíveis ao público, uma vez que são tidos como arquivos. Além disso, o profissional reúne textos, fazendo suas classificações, traduções, transcrições e edições, como também reescrevendo, acrescentando, substituindo e suprimindo.

## 2 CONCLUSÃO

Este ensaio permitiu destacar o período histórico da crítica textual desde a Antiguidade até à Modernidade, com nomes importantes como Zenódoto, Crates de Malos, Francesco Petrarca, Coluccio Salutati, Niccolò Niccoli, Lorenzo Valla, Angelo Ambrosini, Karl Lachmann, entre outros. O percurso histórico da Crítica Textual correlaciona-se com a Filologia e a Ecdótica e com a trajetória do texto e suas modificações. Estas são não só abarcadas pelas mudanças exógenas e endógenas, autorais e não autorais, voluntárias e involuntárias, mas também relativizadas à obra, texto, originais, cópia, testemunhos (datiloscritos e digitoscritos), além das etapas de produção do livro manuscrito: materiais, tipologia do livro manuscrito e procedimento no ato de cópia.

A crítica genética enfatiza o processo de preparação dos textos e suas publicações, exemplificando várias categorias: dimensão do livro, qualidade de suporte, sistema de registro, publicação, permissão, integralidade do texto, reelaboração do texto. Além disso, os tipos de edições (monotestemunhais e politestemunhais) também são destacadas nesse processo, como também a última etapa da preparação do texto crítico – apresentação do texto. A trajetória do texto evidencia o trabalho que o crítico textual e o geneticista realizam e a maneira pela qual a Crítica Textual surgiu e se consolidou no mercado editorial.

## REFERÊNCIAS

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à Crítica Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GRÉSILLON, Almuth. Alguns Pontos sobre a História da Crítica Genética. **Revista Estudos Avançados**. 1991. p. 7-18. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/ea/a/zxdPKc5gmgfy5Qz3BcyvKyg/?lang=pt&format=pdf>.

GRÉSILLON, Almuth. **Devagar**: obras. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1999.

HAY, Louis. **A montante da escrita**. Tradução de José Renato Câmara. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999.

MENDES, Marlene Gomes; AMBROSOLI, Silvana dos Santos. **Crítica Textual**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2015. v. 1.